

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ODONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Laís Canêdo Martins

**Inclusão e desempenho acadêmico: Um estudo sobre a
presença e os desafios de estudantes com Transtorno
do Espectro Autista (TEA) nos cursos de
Graduação e Pós-graduação em Odontologia**

Juiz de Fora

2025

Laís Canêdo Martins

**Inclusão e desempenho acadêmico: Um estudo sobre a
presença e os desafios de estudantes com Transtorno
do Espectro Autista (TEA) nos cursos de
Graduação e Pós-graduação em Odontologia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestre em Odontologia. Área de concentração: Clínica Odontológica.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Almeida Ribeiro Scalioni

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Canêdo Martins, Lais.

Inclusão e desempenho acadêmico: Um estudo sobre a presença e os desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Odontologia : . / Lais Canêdo Martins. -- 2025.

63 f. : il.

Orientadora: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Odontologia. Programa de Pós-Graduação em Odontologia, 2025.

1. Transtorno do Espectro Autista . 2. Ensino Superior. 3. Odontologia. I. Almeida Ribeiro Scalioni, Flávia, orient. II. Título.

Laís Canêdo Martins

Inclusão e desempenho acadêmico: Um estudo sobre a presença e os desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Odontologia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Odontologia. Área de concentração: Clínica Odontológica

Aprovada em 29 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Flávia Almeida Ribeiro Scalioni Gonzalez - Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof.ª Dr.ª Isabel Cristina Gonçalves Leite - Membro Titular Interno
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof.ª Dr.ª Fabiana Vargas Ferreira - Membro Titular Externo
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Juiz de Fora, 26/06/2025.



Documento assinado eletronicamente por Flávia Almeida Ribeiro Scalioni Gonzalez, Professor(a), em 29/07/2025, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Isabel Cristina Gonçalves Leite, Professor(a), em 29/07/2025, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por FABIANA VARGAS FERREIRA, Usuário Externo, em 29/07/2025, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 2470457 e o código CRC A3679AC9.

Aos meus pais, **Bruno e Verônica**,
que me ensinaram o que é amor, força e coragem.
Vocês são minha inspiração e meu alicerce.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a **Deus** e à **Nossa Senhora Aparecida**, por me guiarem com fé e concederem força nos momentos de dificuldade. Pela inspiração silenciosa, pela luz nos dias incertos e pela presença sentida em cada etapa desta jornada.

Aos meus pais, **Bruno** e **Verônica**, minha eterna gratidão pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Vocês despertaram em mim a curiosidade pelo conhecimento e me ensinaram que cada desafio é uma oportunidade de crescimento. Seus exemplos de integridade, coragem, força e perseverança moldaram quem sou hoje. Cada conquista minha carrega um pouco de tudo que me ensinaram, e esta, em especial, é dedicada a vocês.

Ao meu irmão, **Bernardo**, com quem dividi intensamente os últimos anos, agradeço por cada momento vivido, pelo companheirismo constante e pela presença acolhedora em todas as fases deste percurso.

À **minha família**, base fundamental, agradeço pelo carinho e incentivo que me sustentaram nos momentos mais desafiadores. Cada gesto de cuidado foi essencial para que eu chegasse até aqui.

À **Vitória**, que é tão amiga que já é parte da minha família. Obrigada por estar ao meu lado, pelos sonhos compartilhados e por me lembrar, com seu cuidado, que eu nunca estive sozinha. Sua presença tornou tudo mais leve, mais bonito e inesquecível.

À minha orientadora, querida Professora **Flávia**, agradeço por ter me acolhido, pela inspiração, paciência e sabedoria com que me conduziu em cada etapa desta pesquisa. Sua sensibilidade e compromisso deixaram marcas profundas em minha formação acadêmica e pessoal.

Às Professoras **Camila** e **Fernanda**, meu sincero agradecimento pela valiosa colaboração. Foi um privilégio aprender com mulheres tão generosas, competentes e apaixonadas pelo que fazem.

Aos Professores **Saul**, **Fabiana** e **Lucianne**, agradeço pela contribuição ao longo deste trabalho. Obrigada pelas ideias compartilhadas, pelo tempo generosamente dedicado e pela supervisão cuidadosa. A participação de vocês

foi fundamental para que este projeto ganhasse forma com mais clareza e consistência.

À **Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)**, sou grata pela formação de excelência, pública e gratuita. Ao **Programa de Pós-Graduação em Odontologia (PPGO/UFJF)**, pela oportunidade de dar os primeiros passos na docência. Aos **colegas e professores do Mestrado**, obrigada pelas experiências compartilhadas e pelo conhecimento construído coletivamente.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para meu crescimento como pesquisadora e ser humano, meu sincero muito obrigada!

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios na comunicação social e por padrões comportamentais restritos e repetitivos, mas também pode envolver habilidades específicas, como hiperfoco, pensamento lógico e memória acurada, que podem representar potencialidades no ambiente acadêmico. Este estudo transversal analítico teve como objetivo quantificar e caracterizar estudantes com TEA matriculados na graduação e na pós-graduação em Odontologia no Brasil, bem como identificar as principais dificuldades enfrentadas no percurso acadêmico. Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, a coleta de dados foi realizada entre março e junho de 2024, por meio de um questionário autoaplicável disponibilizado online, via Google Forms, conforme diretrizes éticas para pesquisas virtuais (Resolução nº 510/2016). Participaram do estudo 30 estudantes com diagnóstico de TEA, maiores de 18 anos, vinculados a instituições públicas e privadas em todas as regiões do país. Os dados foram analisados no software SPSS, versão 21.0, por meio de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, média e desvio padrão) e testes bivariados (Qui-quadrado de Pearson), com nível de significância de 5%. A maioria dos participantes era do sexo feminino (83,3%), branca (66,7%), residente na região Sudeste (53,3%), com média de idade de 26,3 anos ($\pm 6,20$) e renda familiar inferior a R\$ 8.630 (56,7%). A maioria estudava em instituições públicas (63,3%) e metade dos respondentes havia ingressado sem ações afirmativas. O diagnóstico de TEA foi recebido apenas na vida adulta por 50% dos participantes, sendo que 83,3% relataram comorbidades psiquiátricas. As dificuldades acadêmicas mais citadas foram: aulas teóricas (80,0%), avaliações teóricas (70,0%), atividades práticas (56,7%) e ambientação clínica (46,7%). Houve associação estatisticamente significativa entre o nível de suporte (nível 1) e a percepção de dificuldade clínica ($p=0,008$), entre o tipo de instituição (pública) e a dificuldade na prática clínica ($p=0,006$), e entre a ausência de adaptações no ambiente clínico e a percepção de dificuldade ($p=0,048$). Além disso, 76,7% dos participantes nunca participaram de programas universitários voltados a pessoas com TEA, e foram relatadas baixas taxas de acesso a apoio institucional: atividades sociais (6,7%), recursos personalizados de

aprendizagem (10,0%) e adequações em avaliações (16,7%). Cerca de 63,3% relataram ausência de adaptações no ambiente clínico odontológico. Os achados evidenciam a necessidade de políticas institucionais efetivas que promovam acessibilidade, equidade e apoio contínuo na formação odontológica de estudantes com TEA, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias inclusivas no ensino superior e favorecendo sua permanência acadêmica e futura inserção profissional.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Ensino Superior; Odontologia.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by persistent challenges in social communication and restricted and repetitive behavioral patterns. However, it may also involve specific abilities—such as hyperfocus, logical reasoning, and accurate memory—which can represent valuable strengths in academic settings. This analytical cross-sectional study aimed to quantify and characterize students with ASD enrolled in undergraduate and graduate Dentistry programs in Brazil, as well as to identify the main difficulties they face in academic environments. After approval by the Research Ethics Committee, data collection was carried out from March to June 2024 through a self-administered online questionnaire distributed via Google Forms, in accordance with ethical guidelines for virtual research (Resolution No. 510/2016). The study included 30 students diagnosed with ASD, aged 18 or older, enrolled in public and private institutions across all regions of Brazil. Data analysis was performed using SPSS software, version 21.0, through descriptive statistics (absolute and relative frequencies, means, and standard deviations) and bivariate analysis (Pearson's Chi-square test), with a significance level of 5%. Most participants were female (83.3%), White (66.7%), resided in the Southeast region (53.3%), had a mean age of 26.3 years (± 6.20), and reported a household income below R\$8,630.00 (56.7%). Most were enrolled in public institutions (63.3%), and half of them had entered higher education without affirmative action policies. Half of the students received their ASD diagnosis only in adulthood, and 83.3% reported having psychiatric comorbidities. The most frequent academic difficulties reported were: theoretical classes (80.0%), theoretical assessments (70.0%), practical activities (56.7%), and clinical training (46.7%). Statistically significant associations were found between level 1 support needs and difficulty in clinical practice ($p = 0.008$), type of institution (public) and clinical difficulty ($p = 0.006$), and the lack of clinical adaptations and perceived difficulty ($p = 0.048$). Additionally, 76.7% of participants had never taken part in university programs aimed at supporting students with ASD. Low rates of access to institutional support were reported, including social activities (6.7%), personalized learning resources (10.0%), and assessment accommodations (16.7%). Moreover, 63.3% reported that their institutions did not provide

adaptations to the clinical environment. These findings highlight the urgent need for effective institutional policies that promote accessibility, equity, and ongoing support in dental education for students with ASD, contributing to the development of inclusive strategies in higher education and supporting both academic retention and future professional inclusion.

Keywords: *Autism Spectrum Disorder; University education; Dentistry.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Fluxograma da metodologia empregada no estudo.....23

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Características familiares e individuais de universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.....	27
TABELA 2. Perfil relacionado a Transtorno do Espectro Autista em universitários de Odontologia do Brasil (N=30), Brasil, 2024.....	29
TABELA 3. Informações acadêmicas de universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.....	30
TABELA 4. Programas de inclusão para universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.....	32
TABELA 5. Fatores associados a dificuldades nas aulas/avaliações teóricas e aulas prática/ambientação na clínica odontológica de universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
TEA	Transtorno do Espectro Autista
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
CNS	Conselho Nacional de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
<i>Inc.</i>	Incorporated
<i>IL</i>	Illinois
<i>USA</i>	<i>United States of America</i>
P	Nível descritivo
N	Número da amostra
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TP	Transtorno de Personalidade
TOC	Transtorno Obsessivo Compulsivo
TAB	Transtorno Afetivo Bipolar
TOD	Transtorno Opositor Desafiador
TAG	Transtorno de Ansiedade Generalizado
TPS	Transtorno de Processamento Sensorial
TCC	Terapia cognitiva

LISTA DE SÍMBOLOS

$\%$	Percentual
$+$	Mais
\pm	Mais ou menos
$=$	Igual
\leq	Menor ou Igual
$<$	Menor que
$>$	Maior que

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 PROPOSIÇÃO	21
2.1 OBJETIVO GERAL	21
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
3 MATERIAIS E MÉTODOS	22
3.1 LOCALIZAÇÃO DO ESTUDO	22
3.2 DESENHO DO ESTUDO	23
3.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO	24
3.4 COLETA DE DADOS	24
3.5 ASPECTOS ÉTICOS	26
3.6 ANÁLISE ESTATÍSTICA	26
4 RESULTADOS	27
5 DISCUSSÃO	36
6 CONCLUSÃO	41
7 REFERÊNCIAS	42
8 APÊNDICES	47
8.1 APÊNDICE 1	47
8.2 APÊNDICE 2	49
9 ANEXOS	59
9.1 ANEXO A	59

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por deficiências persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento (APA, 2013). É um espectro amplo, abrangendo indivíduos com diferentes perfis de funcionamento, variando desde aqueles que possuem altos níveis de independência até aqueles que necessitam de suporte significativo (GENOVESE e BUTLER, 2023).

Indivíduos com TEA podem apresentar desafios na interação social, como dificuldades em interpretar expressões faciais e linguagem corporal, além de uma comunicação mais direta e literal (WANG et al., 2023; TAGER-FLUSBERG, 2016). Podem apresentar, ainda, padrões de comportamento repetitivos como balançar as mãos, alinhar objetos ou seguir rotinas rigorosas, demonstrando-se ansiosos quando enfrentam situações desconhecidas ou imprevisíveis (GENOVESE e BUTLER, 2023; WANG et al., 2023).

Possuem, também, interesses restritos em tópicos específicos e uma tendência a se concentrar profundamente nos mesmos (LAI et al., 2017), além de sensibilidades sensoriais incomuns, como hipersensibilidade ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, como luzes, sons, texturas e odores (GENOVESE e BUTLER, 2023). Além disso, muitos demonstram habilidades singulares, como memorização precisa, pensamento lógico aguçado e foco aprofundado em áreas específicas do conhecimento (HAPPÉ e FRITH, 2020), o que pode representar um diferencial em diversas situações acadêmicas e profissionais.

A transição para o ensino superior pode ser particularmente desafiadora para estudantes com TEA (BACKZEWSKI et al., 2022; ELIAS e WHITE, 2018). Isso porque as dificuldades na interação e na comunicação social podem dificultar a formação de amizades e a participação em atividades sociais, além de levar a mal-entendidos e conflitos com colegas e professores e transformar as apresentações na sala de aula em momentos estressantes (CASAGRANDE et al., 2020; HU e CHANDRASEKHAR, 2021; MCLEOD e ANDERSON, 2022; PETCU, ZHANG e LI, 2021; WHITE et al., 2016).

O TEA muitas vezes está associado, também, a padrões rígidos de pensamento e comportamento o que pode tornar difícil para os estudantes se adaptarem às mudanças na rotina ou no currículo acadêmico (MCLEOD e ANDERSON, 2022; TREVISAN e BIRMINGHAM, 2015). Grande parte, inclusive, possui problemas em gerenciar o tempo e organizar tarefas, o que pode afetar o desempenho universitário (MCLEOD e ANDERSON, 2022). Além disso, muitos estudantes com TEA podem precisar de apoio adicional, como acomodações específicas ou recursos de aprendizagem personalizados, o que aumenta o estigma e a discriminação em relação a eles (LOCKE et al., 2023).

A Odontologia é uma área que exige habilidades de comunicação interpessoal, compreensão e aplicação de normas éticas e sociais (FERREIRA, FERREIRA e FREIRE, 2013). Sua prática exige a capacidade de se adaptar a situações imprevistas e a lidar com pacientes que têm necessidades variadas. Habilidades essas que os acadêmicos com TEA podem apresentar dificuldades (BACKZEWSKI et al., 2022), o que pode afetar a eficiência no atendimento odontológico e tornar a profissão um desafio relevante. Dessa forma, é importante desenvolver estratégias eficazes de gerenciamento do estresse e da ansiedade para lidar com a pressão acadêmica e com as demandas clínicas nas faculdades de odontologia e, posteriormente, na vida profissional (FALLEA et al., 2022).

Nas últimas décadas, o número de estudantes com deficiência no ensino superior brasileiro cresceu significativamente. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), esse número mais que triplicou entre 2012 e 2023, passando de 26.483 para 92.756 matrículas (INEP, 2023). Na educação básica, o Censo Escolar 2023 apontou 1,7 milhão de alunos na educação especial, sendo 35,9% deles estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que representa 636.202 matrículas — número inferior apenas ao de estudantes com deficiência intelectual (53,7%) (INEP, 2023). Esse panorama reforça a crescente demanda por políticas de inclusão também no ensino superior.

Desde 2012, com a promulgação da Lei nº 12.764, pessoas com TEA são reconhecidas legalmente como pessoas com deficiência (BRASIL, 2012), o que as insere no rol de direitos garantidos pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) (BRASIL, 2015), incluindo o acesso à educação com suporte

adequado em todos os níveis de ensino. Além disso, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) orienta ações de equidade e acessibilidade nas instituições. Considerando o avanço no acesso à educação por esse grupo e a complexidade do TEA — cujas manifestações variam amplamente entre os indivíduos —, este estudo propôs-se a investigar a presença e os desafios enfrentados por estudantes com TEA nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia no Brasil, contribuindo com dados que fundamentem estratégias de inclusão e promoção de permanência estudantil.

2 PROPOSIÇÃO

2.1 OBJETIVO GERAL

Quantificar e conhecer os estudantes de Graduação e Pós-graduação com TEA matriculados nos cursos de Odontologia do Brasil, e identificar seus desafios acadêmicos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o número de estudantes diagnosticados com TEA matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia, identificando sua distribuição ao longo dos anos e áreas de especialização
- Compreender as experiências acadêmicas dos estudantes com TEA por meio de um questionário construído pelos pesquisadores, analisando sua participação em atividades acadêmicas, em interações sociais e acesso a recursos de apoio.
- Identificar as dificuldades acadêmicas enfrentadas por estudantes com TEA, incluindo desafios de comunicação, interação social e adaptações sensoriais.
- Investigar a presença de programas de apoio e recursos disponíveis nas instituições de ensino superior para estudantes com TEA.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 LOCALIZAÇÃO DO ESTUDO

Situado no continente Sul Americano, o Brasil é o quinto maior país do mundo em área territorial com aproximadamente 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população chegou a 203,1 milhões em 2022, com aumento de 6,5% frente ao censo demográfico anterior, realizado em 2010 (IBGE, 2023). É composto por 26 estados e um Distrito Federal, distribuídos em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

As universidades e institutos de pesquisa brasileiros são reconhecidos por suas contribuições significativas e de relevância global em diversas áreas do conhecimento. O país ocupa o 13º lugar em volume de produção científica e aumentou seu impacto de citação em 15% desde 2018 (Clarivate/CAPES, 2024). Importante pontuar que mesmo gastando 1,3% do seu produto interno bruto (PIB) em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e possuir 881 pesquisadores por milhão de habitantes (UNESCO, 2021), o financiamento à ciência ainda é considerado insuficiente, o que pode comprometer a sustentabilidade da produção científica e o fortalecimento do ensino superior no país.

Os cursos de odontologia no Brasil apresentaram um crescimento exponencial desde sua criação em 1856, no Rio de Janeiro. O país conta atualmente com 532 cursos de graduação em Odontologia, sendo 486 (91,4%) em instituições privadas e apenas 46 (8,6%) em instituições públicas (BRASIL, 2024). A distribuição geográfica desses cursos permanece desigual, com forte concentração na região Sudeste (48,3%), seguida pelas regiões Nordeste (21,6%), Sul (14,8%), Centro-Oeste (9,2%) e Norte (6,1%), evidenciando disparidades regionais significativas no acesso à formação odontológica (MORITA et al., 2021; CFO, 2024). Essas instituições oferecem programas de graduação e pós-graduação que abrangem diversas especialidades odontológicas, promovendo avanços significativos em técnicas e tratamentos. Dessa forma, o estudo foi realizado em instituições de ensino superior públicas e privadas do Brasil que oferecem cursos de graduação e pós-graduação em

Odontologia.

3.2 DESENHO DO ESTUDO

Para que os objetivos fossem atingidos, o estudo realizado é do tipo observacional transversal analítico, e a coleta de dados foi realizada por meio de questionário online. A escolha pelo estudo transversal deveu-se ao fato de ser uma forma de pesquisa populacional que fornece um retrato de como as variáveis estão relacionadas no momento da execução da coleta de dados, ou seja, os resultados informam sobre a situação existente em um particular momento, ou recorte no tempo (PEREIRA, 2000).

Na Figura 1 é apresentado um fluxograma explicativo da metodologia aplicada ao desenho do estudo.

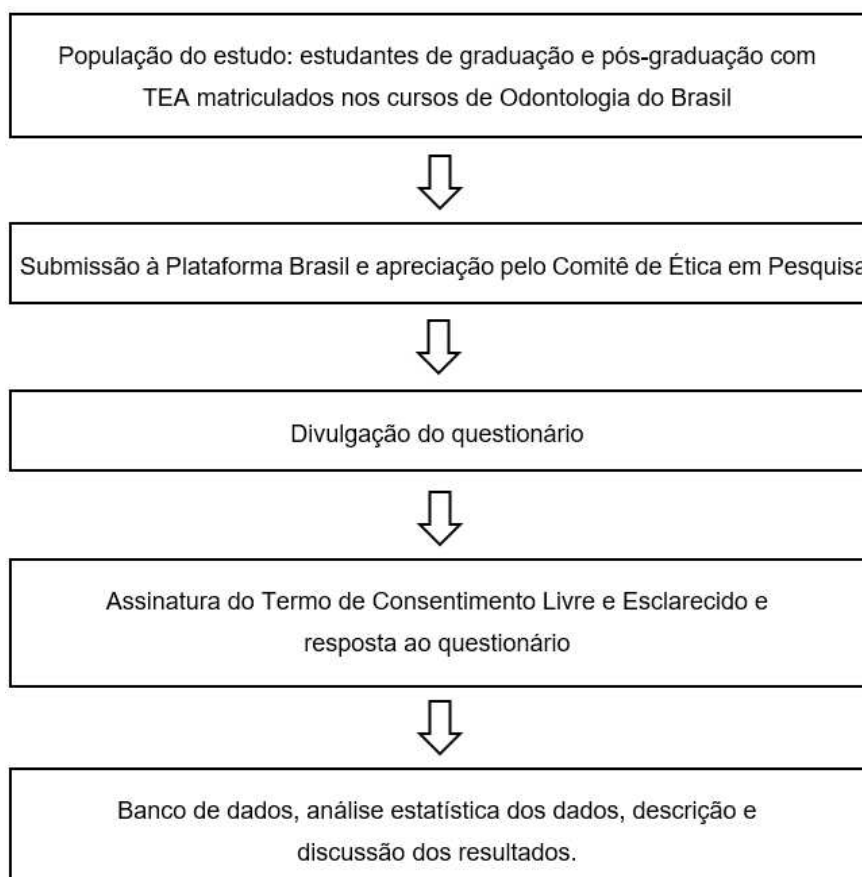


Figura 1. Fluxograma da metodologia empregada no estudo.

3.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO

3.3.1 Seleção da Amostra

A população recrutada no estudo foi composta por estudantes diagnosticados com TEA e matriculados em cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia em instituições de ensino superior públicas e privadas do Brasil. A seleção das instituições foi realizada a partir do cadastro no Ministério da Educação do Governo Federal. Nesta listagem, constam os relatórios de consulta pública de todas as faculdades de Odontologia ativas no Brasil (BRASIL, 2024).

O levantamento das Instituições de Ensino Superior de Odontologia foi realizado através do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. Sua base de dados oficial contabilizou 46 Faculdades Públicas e 486 Faculdades Particulares, totalizando 532 Instituições de graduação. Quanto a pós-graduação, o Cadastro Nacional contabilizou 252 instituições (BRASIL, 2024).

3.3.2 Critérios de Elegibilidade

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão:

- Estudantes com TEA, de ambos os sexos, maiores de 18 anos de idade, matriculados em cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia, em instituições públicas ou privadas de todo o Brasil.

3.4 COLETA DOS DADOS

A primeira etapa de divulgação da pesquisa começou em março de 2024, através de contatos por e-mail e redes sociais (WhatsApp e Instagram). A tentativa de contato inicial com as Instituições foi pelo correio eletrônico da direção ou coordenação do curso, disponíveis em seus respectivos sites oficiais. Caso não houvesse e-mail ou número de telefone disponíveis nos sites institucionais, a Instituição era contatada por mensagem direta em seu perfil no

Instagram. A partir desse contato, geralmente era fornecido o número de WhatsApp da pessoa responsável, com quem a comunicação prosseguia.

A segunda etapa de divulgação teve início em julho de 2024, com a ampliação das estratégias para alcançar um maior número de participantes. Foram contatados, por e-mail e telefone, todos os Núcleos de Apoio ao Estudante das universidades federais, cujos contatos foram obtidos por meio das páginas institucionais. Além disso, houve uma intensificação da divulgação nas redes sociais, especialmente no Instagram. Para garantir maior alcance, um segundo e-mail foi enviado às faculdades que não haviam respondido à primeira tentativa de contato, reforçando a importância da pesquisa e incentivando a participação dos estudantes.

A coleta de dados foi realizada de forma virtual a partir de um questionário online elaborado na plataforma *Google Forms*. Foi criada uma planilha de dados eletrônica reunindo informações de contato como endereços de e-mail e número telefônicos (quando disponíveis) de coordenações de cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia do Brasil. Além dos sites e das páginas oficiais das instituições em rede social.

Os e-mails enviados continham uma carta de apresentação formal e informativa explicando os objetivos da pesquisa, a relevância do estudo e os potenciais benefícios para a comunidade acadêmica, assim como o *link* para acesso ao formulário eletrônico, a ser encaminhado aos estudantes matriculados no curso. Os participantes que concordaram em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1) antes de responder ao questionário.

O instrumento de coleta de dados - questionário autoaplicável - foi estruturado e desenvolvido pelos pesquisadores com base em estudos prévios (ELIAS & WHITE, 2018; MCLEOD & ANDERSON, 2022; WHITE et al., 2016) (Apêndice 2). Este contém 48 questões, organizadas em duas partes I e II): a **Parte I** - 27 questões voltadas para informações pessoais, características sociodemográficas e dados sobre o diagnóstico e sobre autopercepção do TEA; e a **Parte II** - 21 questões relacionadas à trajetória acadêmica, presença de políticas institucionais de apoio e recursos disponíveis, bem como questões

relacionadas às experiências vivenciadas pelos estudantes com TEA no ensino superior.

3.5 ASPÉCTOS ÉTICOS

Atendendo ao disposto na resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS), de 12 de dezembro de 2012, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação, análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, através da Plataforma Brasil em 27/11/2023, aprovado em 24/02/2024 sob o protocolo CAAE nº 76269623.3.0000.5147 (Anexo A).

Foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em consonância com a resolução 196/96, enviado junto aos questionários, para garantir a livre escolha em participar ou não do estudo e o sigilo de informações. Além disso, pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para estudos online.

3.6 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados foram organizados em um banco no programa estatístico SPSS, versão 21.0 para Windows (SPSS Inc., Chicago, IL, USA). Realizou-se uma análise descritiva, com frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas e cálculo de média e desvio padrão para as variáveis numéricas. O teste do Qui-quadrado de Pearson foi utilizado para avaliar a associação entre variáveis demográficas, socioeconômicas e relativas ao TEA e à universidade com os desfechos (dificuldades relatadas referentes às aulas teóricas, avaliações escritas, atividades práticas e ambientação clínica). Foi **adotado** nível de significância de 5% ($p < 0,05$) para considerar associações estatisticamente significativas.

4 RESULTADOS

Um total de 30 estudantes, com predominância do sexo feminino e a idade média de 26.33 anos (± 6.20) responderam ao questionário. A Tabela 1 apresenta as características familiares e individuais dos universitários com TEA, na qual pode-se observar que a maioria dos estudantes é da raça branca (66,7%), possui renda familiar menor ou igual R\$8.630,00 (56,7%) sendo essa renda compartilhada por até pessoas (86,7%). A maioria reside com família/amigos (86,7%), na região sudeste do Brasil (53,3%).

TABELA 1. Características familiares e individuais de universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.

Variáveis	Frequência	
	N	%
Gênero		
Homem	4	13.30
Mulher	25	83.30
Prefiro não declarar	1	3.30
Idade		
Média ($\pm DP$)	26.33 (± 6.20)	
Cor/raça		
Amarelo	-	-
Branco	20	66.70
Indígena	-	-
Pardo	7	23.30
Preto	3	10.00
Prefiro não declarar	-	-
Cor/raça – Dicotomizado		
Branco	20	66.70
Não branco	10	33.30
Renda familiar		
Menor que 1.720,00	4	13.30
R\$1.720,00 a R\$2.590,00	3	10.00
R\$2.590,00 a R\$4.315,00	3	10.00
R\$4.315,00 a R\$8.630,00	7	23.30
R\$8.630,00 a R\$17.260,00	7	23.30

Mais que R\$ 17.260,00	3	10.00
Não sei/Prefiro não declarar	3	10.00
Renda familiar – Dicotomizado pela mediana		
≤ R\$8.630,00	17	56.70
>R\$8.630,00	10	33.30
Não sei/Prefiro não declarar	3	10.00
Quantas pessoas na família se beneficiam com a renda mensal – Dicotomizado pela mediana		
≤ 3 pessoas	26	86.70
+ de 3 pessoas	4	13.30
Você reside com quem		
Sozinho	2	6.70
Com família/Amigos	26	86.70
Prefiro não declarar	2	6.70
Distribuição por Região		
Norte	3	10.00
Nordeste	6	20.00
Centro-Oeste	2	6.70
Sudeste	16	53.30
Sul	3	10.00

N: número absoluto; %: frequência

Metade dos acadêmicos de odontologia participantes da pesquisa recebeu o diagnóstico de TEA na vida adulta. Os principais motivos que os levaram a procurar avaliação médica foram sintomas de ansiedade (66,7%), dificuldades no trabalho e/ou nos estudos (63,3%) e fobia social (56,7%). Outros fatores citados incluíram identificação com características do autismo (50,0%), depressão (46,7%), timidez excessiva (40,0%) e desatenção (33,3%). Parte dos participantes (23,3%) relatou suspeita de TEA na infância não confirmada. Além disso, 6,7% afirmaram ter parentes próximos com TEA e 3,3% relataram ter filhos com o transtorno.

Após o diagnóstico de TEA na vida adulta, alguns participantes relataram que diagnósticos prévios de outros transtornos foram revistos ou excluídos. Os mais mencionados foram Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (43,3%), fobia social (33,3%) e Transtorno de Personalidade (TP) (23,3%). Diagnóstico como Transtorno Alimentar (13,3%), Transtorno Obsessivo

Compulsivo (TOC) (13,3%) e Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) (10%) também foram citados. O Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) (10%) apareceu em menor proporção.

Metade dos acadêmicos afirmou que o diagnóstico de TEA foi realizado na vida adulta. Em 40% dos casos a suspeita partiu de profissionais da saúde, em 16,7% de familiares, em 16,7% de cônjuges, em 13,3% de amigos, em 10% de professores e em 3,3% pela própria pessoa.

A grande maioria dos acadêmicos (83,3%) relatou ter algum diagnóstico psiquiátrico associado ao TEA. Os diagnósticos psiquiátricos mais frequentes foram Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) (43,3%), depressão (26,7%), TDAH (20,0%), TOC (13,3%), TAB (13,3%) e transtornos alimentares (13,3%). Outros transtornos citados incluíram fobia social (10,0%), Transtorno do Processamento Sensorial (TPS) (6,7%), dislexia (3,3%) e altas habilidades (6,7%). A Tabela 2 descreve o perfil dos acadêmicos de odontologia relacionado ao Transtorno do Espectro Autista.

TABELA 2. Perfil relacionado a Transtorno do Espectro Autista em universitários de Odontologia do Brasil (N=30), Brasil, 2024

Variáveis	Frequência	
	N	%
Idade em que foi diagnosticado com TEA		
Média (\pm DP)	22.38 (\pm 8.10)	
Idade em que foi diagnosticado com TEA		
Criança (até 9 anos)	2	6.70
Adolescente (de 10 à 19 anos)	9	30.00
Adulto (a partir de 20 anos)	15	50.00
Outra pessoa na família com diagnóstico de TEA		
Sim	12	40.00
Não	4	13.30
Não sei/Prefiro não declarar	14	46.70
Faz uso de medicamento psiquiátrico		
Sim	21	70.00
Não	8	26.70
Não sei/Prefiro não declarar	1	3.30
Atualmente faz acompanhamento médico especializado em TEA		

Sim, psiquiatra/neurologista/psicólogo	19	63.30
Não	10	33.30
Não sei/Prefiro não declarar	1	3.30
Atualmente faz terapia psicológica		
Sim	18	60.00
Não	12	40.00
Não sei/Prefiro não declarar	-	-
Recebeu diagnóstico de Nível de Suporte por pessoal especializado		
Sim, Nível 1	18	60.00
Sim, Nível 2	1	3.30
Sim, Nível 3	-	-
Não sei/Prefiro não declarar	11	36.70

N: número absoluto; %: frequência

A maioria dos participantes (83,3%) relataram que no ambiente acadêmico apresentam dificuldades na socialização, no gerenciamento do tempo de estudo (73,3%) na comunicação (66,7%) e no controle de sua irritabilidade (66,7%). Também foram mencionadas dificuldades com a atenção (63,3%), com a concentração (63,3%) e com o sono (63,3%). Outros aspectos relacionados aos estudantes no ambiente acadêmico incluíram dificuldades na organização de tarefas (46,7%), na alimentação (53,3%) e na aprendizagem (26,7%). Mais da metade dos participantes relatou dificuldades nas avaliações teóricas (76,7%) e na prática clínica (60%). A aprendizagem foi a facilidade ou alta habilidade mais mencionada pelos acadêmicos (56,7%). A Tabela 3 apresenta as informações acadêmicas dos universitários com TEA.

TABELA 3. Informações acadêmicas de universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.

Variáveis	Frequência	
	N	%
Em qual tipo de ensino estudou?		
Escola regular	29	96.70
Escola de educação especial	-	-
Nos dois tipos de escola	-	-
Não sei/Prefiro não declarar/ Outro	1	3.30
Em algum momento da vida fez uso de suporte educacional especializado?		

Sim, classe especial/tutor cedido pela escola/acompanhante terapêutico custeado pela família/aulas de reforço fora da escola/material adaptado/educação exclusivamente domiciliar	11	36.70
Não, nunca utilizou suporte educacional	19	63.30
Não sei/Prefiro não declarar/ Outro	-	-
O que está cursando no momento?		
Graduação	21	70.00
Pós-graduação, Lato Sensu Especialização/ Lato Sensu MBA/ Stricto Sensu Mestrado/ Stricto Sensu Doutorado/ Stricto Sensu Pós-Doutorado	9	30.00
Prefiro não declarar/Outro	-	-
A Instituição da sua matrícula é:		
Pública	19	63.30
Privada	11	36.70
Ingressou no ensino superior por meio de ações afirmativas?		
Sim	13	43.30
Não	15	50.00
Prefiro não declarar	2	6.70
Apresenta alguma dificuldade com relação às aulas teóricas da graduação/pós-graduação?		
Sim	27	90.00
Não	3	10.00
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	-	-
Apresenta alguma dificuldade com relação às avaliações teóricas da graduação/pós-graduação?		
Sim	23	76.70
Não	7	23.30
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	-	-
Apresenta alguma dificuldade com relação à prática clínica da graduação/pós-graduação?		
Sim	18	60.00
Não	12	40.00
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	-	-

Apresenta alguma dificuldade com relação ao ambiente clínico odontológico?		
Sim	18	60.00
Não	12	40.00
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	-	-

N: número absoluto; %: frequência

A Tabela 4 apresenta dados sobre os programas de inclusão e adaptações institucionais para universitários de odontologia com TEA. A maioria (76,7%) não participou de programas universitários voltados a pessoas com TEA. Além disso, foram relatadas baixas taxas de acesso a apoio institucional, como atividades sociais (6,7%), recursos personalizados de aprendizagem (10,0%) e adequações em avaliações (16,7%). Muitos desconhecem a existência de algum grupo ou atividade social para pessoas com TEA (60.0%) na instituição. Do total de participantes, 63.3% relatou que a instituição de ensino não oferece adaptações no ambiente clínico odontológico.

TABELA 4. Programas de inclusão para universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.

Variáveis	Frequência	
	N	%
Participou ou participa de algum programa de inclusão de pessoas com TEA na instituição de ensino atual?		
Sim, lei de cotas	4	13.30
Não participa/participou de nenhum programa de inclusão de pessoa com TEA	23	76.70
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	3	10.00
A instituição de ensino atual oferece algum grupo ou atividades sociais para pessoas com TEA?		
Sim	2	6.70
Não	10	33.30
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	18	60.00
Se a instituição de ensino atual oferece algum grupo ou atividades sociais para pessoas com TEA, você participa?		
Sim	7	23.30
Não	14	46.70
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	9	30.00

A instituição de ensino atual oferece algum programa de apoio adicional ao estudante com TEA como recursos de aprendizagem personalizados?		
Sim	3	10.00
Não	10	33.30
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	17	56.70
A instituição de ensino atual dispõe de uma rotina administrativa de informações aos docentes sobre a presença de um estudante com TEA e possibilidades de haver condições especiais de estratégias pedagógicas?		
Sim	3	10.00
Não	12	40.00
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	15	50.00
A instituição de ensino atual oferece possibilidades de adaptações de estratégias de avaliação para estudantes com TEA?		
Sim	5	16.70
Não	10	33.30
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	15	50.00
A instituição de ensino atual oferece adaptações no ambiente clínico odontológico para estudantes com TEA?		
Sim	-	-
Não	19	63.30
Não sei/Prefiro não declarar/Outro	11	36.70

N: número absoluto; %: frequência

A Tabela 5 mostra os fatores associados às dificuldades relatadas por estudantes de Odontologia com TEA no Brasil, tanto em aulas e avaliações teóricas, quanto em atividades práticas e de ambientação clínica. Houve associação entre o nível de suporte dos indivíduos com TEA ($p = 0,008$), o tipo de instituição de ensino ($p = 0,006$) e a presença de adaptação no ambiente clínico ($p = 0,048$) com o relato de dificuldade na prática clínica odontológica. Dentre os estudantes com nível 1 de suporte, 77,8% relataram dificuldades no ambiente clínico. Do total de estudantes de instituições públicas, 78,9% mencionaram dificuldades no ambiente clínico odontológico. Dos participantes que responderam que suas instituições não apresentam ambientes clínicos adaptados, 73,7% relataram enfrentar dificuldades (Tabela 5).

TABELA 5. Fatores associados às dificuldades nas aulas/avaliações teóricas e às aulas prática/ambientação na clínica odontológica de universitários de Odontologia com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (N=30), Brasil, 2024.

	Dificuldade nas aulas teóricas		Valor de p	Dificuldade nas avaliações teóricas		Valor de p	Dificuldade na prática clínica		Valor de p	Dificuldade no ambiente clínico		Valor de p
	Sim (%)	Não (%)		Sim (%)	Não (%)		Sim (%)	Não (%)		Sim (%)	Não (%)	
Sexo			0.560			0.401			0.122			0.659
Feminino	22 (88.0)	3 (12.0)		18 (72.0)	7 (28.0)		17 (68.0)	8 (32.0)		15 (60.0)	10 (40.0)	
Masculino	4 (100.00)	0 (0.0)		4 (100.0)	0 (0.0)		1 (25.0)	3 (75.0)		2 (50.0)	2 (50.0)	
Prefiro não declarar	1 (100.00)	0 (0.0)		1 (100.0)	0 (0.0)		0 (0.0)	1 (100.0)		1 (100.0)	0 (0.0)	
Renda familiar			0.822			0.891			0.098			0.234
≤ R\$8.630,00	15 (88.2)	2 (11.8)		13 (76.5)	4 (23.5)		8 (47.1)	9 (52.9)		8 (47.1)	9 (52.9)	
>R\$8.630,00	9 (90.0)	1 (10.0)		8 (80.0)	2 (20.0)		7 (70.0)	3 (30.0)		8 (80.0)	2 (20.0)	
Não sei/Prefiro não declarar	3 (100.0)	0 (0.0)		2 (66.7)	1 (33.3)		3 (100.0)	0 (0.0)		2 (66.7)	1 (33.3)	
Aglomeracão familiar			0.474			0.232			0.511			0.511
Até 4 pessoas	23 (88.5)	3 (11.5)		19 (73.1)	7 (26.9)		15 (57.7)	11 (42.3)		15 (57.7)	11 (42.3)	
> 4 pessoas	4 (100.0)	0 (0.0)		4 (100.0)	0 (0.0)		3 (75.0)	1 (25.0)		3 (75.0)	1 (25.0)	
Nível de suporte			0.516			0.814			0.373			0.008*
Nível 1	17 (94.4)	1 (5.6)		14 (77.8)	4 (22.2)		12 (66.7)	6 (33.3)		14 (77.8)	4 (22.2)	
Nível 2	1 (100.0)	0 (0.0)		1 (100.0)	0 (0.0)		0 (0.0)	1 (100.0)		1 (100.0)	0 (0.0)	
Nível 3	0 (0.0)	0 (0.0)		0 (0.0)	0 (0.0)		0 (0.0)	0 (0.0)		0 (0.0)	0 (0.0)	
Não recebi esse tipo de diagnóstico	9 (81.8)	2 (18.20)		8 (72.7)	3 (27.3)		6 (54.5)	5 (45.5)		3 (27.0)	8 (72.7)	

Tipo de ensino da instituição	0.901		0.618		0.006		0.266	
Pública	17 (89.5)	2 (10.5)	14 (73.7)	5 (26.3)	15 (78.9)	4 (21.1)	13 (68.4)	6 (31.6)
Privada	10 (90.9)	1 (9.1)	9 (81.8)	2 (18.2)	3 (27.3)	8 (72.7)	5 (45.5)	6 (54.5)
Apoio adicional para aprendizagem	0.153		0.151		0.189		0.189	
Sim	3 (100.0)	0 (0.0)	2 (66.7)	1 (33.3)	3 (100.0)	0 (0.0)	2 (66.7)	1 (33.3)
Não	10 (100.0)	0 (0.0)	6 (60.0)	4 (40.0)	6 (60.0)	4 (40.0)	8 (80.0)	2 (20.0)
Prefiro não declarar	14 (82.4)	3 (17.6)	15 (88.2)	2 (11.8)	9 (52.9)	8 (47.1)	8 (47.1)	9 (52.9)
Adaptação de avaliação	0.108		0.448		0.326		0.623	
Sim	5 (100.0)	0 (0.0)	4 (80.0)	1 (20.0)	4 (80.0)	1 (20.0)	3 (60.0)	2 (40.0)
Não	10 (100.0)	0 (0.0)	6 (60.0)	4 (40.0)	6 (60.0)	4 (40.0)	7 (70.0)	3 (30.0)
Prefiro não declarar	12 (80.0)	3 (20.0)	13 (86.7)	2 (13.3)	8 (53.3)	7 (46.7)	8 (53.3)	7 (46.7)
Adaptação da clínica odontológica	0.298		0.485		0.266		0.048*	
Sim	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	0 (0.0)
Não	18 (94.7)	1 (5.3)	14 (73.7)	5 (26.3)	13 (68.4)	6 (31.6)	14 (73.7)	5 (26.3)
Prefiro não declarar	9 (81.8)	2 (18.2)	9 (81.8)	2 (18.2)	5 (45.5)	6 (54.5)	4 (36.4)	7 (63.6)

*p<0,05 teste Qui-quadrado de Pearson

5 DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo revelam aspectos significativos sobre a presença e os desafios enfrentados por estudantes com Transtorno do Espectro Autista nos cursos de Odontologia no Brasil. A análise dos dados aponta para uma predominância de estudantes do sexo feminino (83,3%), com faixa etária média de 26 anos e maior concentração na região Sudeste. Este perfil reflete tanto a distribuição demográfica dos cursos de Odontologia no Brasil, historicamente com maior presença feminina (MORITA et al., 2021), quanto possíveis disparidades regionais no acesso ao diagnóstico e suporte educacional especializado, como apontado por Sousa et al. (2024).

O diagnóstico tardio do TEA, evidenciado pelo fato de que metade dos participantes recebeu o diagnóstico apenas na vida adulta, corrobora com a literatura científica que identifica a frequente identificação tardia do transtorno em indivíduos com altos níveis de funcionalidade ou que desenvolveram estratégias eficazes de mascaramento social (ACCARDO et al., 2019; DAVIDSON, 2021; BAKKER et al., 2023). Este fenômeno é particularmente relevante no contexto universitário, onde estudantes com TEA sem diagnóstico prévio podem enfrentar desafios significativos sem o suporte adequado.

O diagnóstico tardio acarreta consequências importantes, como atrasos na implementação de apoios e intervenções adequadas, o que pode comprometer o desenvolvimento pessoal e acadêmico do indivíduo (ANTOLINI & COLIZZI, 2023; STURM & KASARI, 2019). Ademais, o fato de que muitos dos participantes relataram que a suspeita diagnóstica partiu da própria pessoa reforça o papel da autoconsciência e da busca por compreensão diante das dificuldades enfrentadas, aspecto também observado por White et al. (2016) em estudos com universitários autistas.

Foi expressiva a presença de comorbidades entre os participantes, com destaque para transtorno de ansiedade (43,3%), depressão (26,7%) e TDAH (20%). Esta sobreposição de condições é amplamente relatada na literatura científica e contribui para maiores desafios na rotina acadêmica e social (GENOVESE e BUTLER, 2023; MCLEOD e ANDERSON, 2022). A presença de comorbidades pode intensificar as dificuldades enfrentadas por estudantes com

TEA, especialmente em ambientes clínicos como os da odontologia, onde múltiplos estímulos sensoriais estão presentes simultaneamente (ANTOLINI e COLIZZI, 2023; APORTA et al., 2016; BACKZEWSKI et al., 2022).

As dificuldades mais recorrentes relatadas pelos estudantes com TEA incluíram socialização (83,3%), gerenciamento do tempo (73,3%), comunicação (66,7%), atenção e sono (63,3%) e organização de tarefas (46,7%). Esses achados refletem características típicas do espectro e são consistentes com os resultados encontrados por autores como White et al. (2017) e Tager-Flusberg (2016), que destacam tais aspectos como desafios frequentes enfrentados por indivíduos autistas em contextos acadêmicos.

É importante, contudo, distinguir os papéis de paciente e de estudante com TEA no ambiente odontológico. Enquanto boa parte da literatura se concentra nas dificuldades enfrentadas por profissionais ao atender pacientes autistas, como sensibilidade a estímulos, comunicação atípica e resistência a mudanças (LIMA e MIRANDA, 2024), o presente estudo evidencia que essas mesmas características, quando presentes nos próprios estudantes, podem comprometer significativamente sua formação. Na Odontologia, onde são exigidas habilidades interpessoais, adaptação a contextos diversos e comunicação eficaz com colegas e pacientes, esses desafios podem dificultar a vivência acadêmica e o desenvolvimento clínico do aluno com TEA (TAGER-FLUSBERG, 2016; WHITE et al., 2017; LIMA; MIRANDA, 2024).

Por outro lado, é importante destacar que 56,7% dos participantes, entre estudantes de graduação e pós-graduação, relataram facilidade na aprendizagem, aspecto que dialoga com o conceito de "ilhas de competência" frequentemente associado ao Transtorno do Espectro Autista (HAPPÉ e FRITH, 2020; LAI et al., 2017). Este dado também levanta a hipótese da presença de altas habilidades ou superdotação entre parte desses estudantes, como observado em relatos individuais, o que reforça a necessidade de mais estudos sobre esse perfil. Reconhecer tais potencialidades, ao lado das dificuldades, é essencial para uma abordagem pedagógica inclusiva e responsiva, como defendem Olivati e Leite (2019) ao discutirem as experiências acadêmicas de universitários com TEA.

A trajetória educacional dos participantes revela que a maioria estudou exclusivamente em escola regular e apenas 36,7% relataram ter tido algum suporte educacional especializado ao longo da vida escolar. Este dado pode ser um reflexo da ausência de diagnóstico precoce, além de indicar lacunas na formação docente e na implementação de políticas inclusivas durante a educação básica (SOUSA et al., 2024; PETCU, ZHANG e LI, 2021). Conforme apontado em relatório recente do Ministério da Educação (MEC, 2025), apesar do aumento de 20 vezes no número de estudantes diagnosticados com TEA nas escolas brasileiras na última década, as instituições de ensino ainda enfrentam desafios significativos para oferecer suporte adequado a esses alunos.

No ensino superior, 43,3% dos estudantes ingressaram por meio de ações afirmativas, demonstrando a importância dessas políticas para a promoção da diversidade no ambiente universitário. Apesar da fundamental importância das ações afirmativas, a falta de continuidade no suporte após a entrada é uma fragilidade apontada na literatura (ELIAS e WHITE, 2018; LU et al., 2021). Cullen (2025) enfatiza que o acesso ao ensino superior para estudantes com TEA deve ser acompanhado por estratégias de permanência que considerem suas necessidades específicas, incluindo adaptações pedagógicas e suporte psicossocial contínuo (DUKER et al., 2023). A participação em cursos de pós-graduação (30%) também demonstra avanços na inclusão de pessoas com TEA em níveis mais avançados de formação acadêmica, mas não exclui os desafios encontrados.

Dentre as barreiras enfrentadas no ambiente universitário, destacam-se dificuldades na interação com colegas e professores, inflexibilidade de metodologias, avaliações não adaptadas e sobrecarga sensorial, especialmente em ambientes clínicos (CASAGRANDE et al., 2020; FERREIRA, FERREIRA e FREIRE, 2013). No presente estudo, mais da metade dos participantes relatou dificuldades em atividades teóricas e práticas, em virtude, principalmente de alterações sensoriais no ambiente clínico odontológico, o que é particularmente relevante dado o perfil da formação em Odontologia.

Esses dados reforçam que, além dos desafios comuns ao ensino superior, cursos com forte componente prático demandam ainda mais adaptações para atender adequadamente às necessidades de estudantes com TEA (FALLEA et al., 2022; HU e CHANDRASEKHAR, 2020). Estudos ressaltam que o

atendimento odontológico a pacientes com TEA enfrenta desafios devido a dificuldades de comunicação, questões sensoriais e comportamentais, o que aumenta o risco de problemas bucais (BACKZEWSKI et al., 2022; FERREIRA, FERREIRA e FREIRE, 2013; CERMAK et al., 2015; MCLEOD, 2021). Estas mesmas dificuldades podem ser experimentadas pelos próprios estudantes de Odontologia com TEA durante sua formação clínica (FALLEA et al., 2022).⁷

Apesar da presença de estudantes com TEA, apenas uma minoria relatou acesso a programas institucionais específicos de apoio, como adaptações avaliativas, informação aos docentes ou recursos de aprendizagem personalizados. A maioria desconhecia ou nunca teve acesso a esse dispositivo. Esse resultado ecoa estudos que evidenciam a carência de políticas institucionais efetivas de inclusão no ensino superior (DUKER et al., 2023; LOCKE et al., 2023; MCLEOD e ANDERSON, 2022). A falta de comunicação entre setores, a ausência de formação continuada para docentes e a inexistência de protocolos de apoio são alguns dos fatores que dificultam a criação de ambientes acessíveis e responsivos.

Ainda que existem barreiras, a permanência dos estudantes com TEA na formação odontológica reflete resiliência e desejo de realização profissional. Ainda assim, os desafios enfrentados impactam diretamente na vivência universitária, exigindo maior empenho individual e familiar para compensação das lacunas institucionais (SCHULTZ et al., 2024; SUKIENNIK, 2022). Estudantes autistas frequentemente expressam preocupações quanto à transição para a vida profissional, em especial no que se refere a relações interpessoais e adaptação às exigências do mercado de trabalho (VAIOOULI e PANAYIOTOU, 2021; WHITE et al., 2021).

Apesar da relevância dos achados, este estudo apresenta limitações. A adesão reduzida pode refletir a dificuldade de acesso a estudantes com TEA, a relutância em expor experiências pessoais ou a ausência de diagnóstico formal (ACCARDO et al., 2019; STURM e KASARI, 2019). A coleta online também pode ter limitado a participação de alguns perfis. Embora haja diversidade regional entre os respondentes, a amostra não representa todo o país, o que restringe a generalização dos resultados. Ainda assim, os dados oferecem subsídios valiosos para pesquisas futuras e ações institucionais mais inclusivas.

Com base nos resultados e na literatura analisada, para promover a

inclusão efetiva de estudantes com TEA na Odontologia recomenda-se a implantação de políticas institucionais claras com protocolos de acolhimento, formação continuada de docentes, criação de canais de comunicação entre setores, adaptações em atividades clínicas e participação ativa dos estudantes com TEA nas ações institucionais (ACCARDO et al., 2018; DUKER et al., 2023; OLIVATI e LEITE, 2019; ROSIN-PINOLA e DEL-PRETTE, 2014; TAVARES, SANTOS E FREITAS, 2016). Estas medidas beneficiam não apenas os estudantes com TEA, mas toda a comunidade acadêmica, promovendo um ambiente mais empático e diversificado.

6 CONCLUSÃO

Este estudo revelou que a trajetória acadêmica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista nos cursos de Odontologia no Brasil é marcada por desafios significativos, como o diagnóstico tardio, a presença de comorbidades e a escassez de apoio institucional, mas também por potencialidades, como a facilidade de aprendizagem e a perseverança na formação. Conclui-se que a presença desses estudantes exige das instituições de ensino superior o comprometimento com políticas inclusivas eficazes, que envolvam formação docente, adaptações pedagógicas e escuta ativa dos próprios estudantes. Ao valorizar a neurodiversidade, as faculdades de Odontologia não apenas promovem a equidade no acesso e permanência no ensino superior, mas também contribuem para a formação de profissionais mais sensíveis, preparados e comprometidos com a diversidade humana em sua futura prática clínica.

7 REFERÊNCIAS

ACCARDO, A. L. et al. College Access, Success and Equity for Students on the Autism Spectrum. **J. autism dev. disord**, New York, v. 49, n. 12, p. 4877-4890, 2019.

ACCARDO, A. L.; KUDER, S. J.; WOODRUFF, J. Accommodations and support services preferred by college students with autism spectrum disorder. **Autism**, London, v. 23, n. 3, p. 574-583, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ANTOLINI, T.; COLIZZI, M. Autism spectrum disorder: a systematic review of the impact of late diagnosis. **J. autism dev. disord**, New York, v. 53, n. 1, p. 1-15, 2023.

BACKZEWSKI, L. M. et al. Adjustment Across the First College Year: A Matched Comparison of Autistic, Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder, and Neurotypical Students. **Autism in Adulthood**, Portland, v. 4, n. 1, p. 12-21, 2022.

BAKKER, T. et al. Factors influencing age of diagnosis of autism spectrum disorder: a systematic review. **Eur Child Adolesc Psychiatry**, v. 32, n. 2, p. 219-231, 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior – e-MEC**. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

CASAGRANDE, K. A. et al. Positive Predictors of Life Satisfaction for Autistic College Students and Their Neurotypical Peers. **Autism in Adulthood**, Portland, v. 2, n. 2, 2020.

CERMAK, S. A. et al. Sensory Adapted Dental Environments to Enhance Oral Care for Children with Autism Spectrum Disorders: A Randomized Controlled Pilot Study. **J. autism dev. disord**, New York, v. 45, p. 2876-2888, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA (CFO). **Estatísticas: quantidade geral de profissionais e entidades ativas**. Brasília: CFO, 2024. Disponível em: <https://website.cfo.org.br/estatisticas/quantidade-geral-de-entidades-e-profissionais-ativos/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

CLARIVATE; CAPES. **Panorama das mudanças na pesquisa no Brasil: um relatório da Clarivate em colaboração com a CAPES**. Londres: Clarivate; Brasília: CAPES, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/clarivate-divulga-relatorio-sobre-a-producao-cientifica-do-brasil>. Acesso em: 23 mar 2024.

CULLEN, J. A. The Needs of College Students with Autism Spectrum Disorders and Asperger's Syndrome. **J Postsecond Educ Di**, Huntersville, v. 28, n. 1, p. 89-101, 2025.

DAVIDSON, J. Autism diagnosis in adulthood: a narrative review. **Autism in Adulthood**, Portland, v. 3, n. 3, p. 250-261, 2021.

DUKER, L. I. et al. Sensory Adaptations to Improve Physiological and Behavioral Distress During Dental Visits in Autistic Children: A Randomized Crossover Trial. **JAMA Network Open**, Washington, v. 6, n. 6, e2316346, 2023.

ELIAS, R.; WHITE, S. W. Autism goes to College: Understanding the Needs of a Student Population on the Rise. **J. autism dev. disord**, New York, v. 48, n. 3, p. 732-746, 2018.

FALLEA, A. et al. Sensory-Adapted Dental Environment for the Treatment of Patients with Autism Spectrum Disorder. **Children**, Washington, v. 9, p. 393, 2022.

FERREIRA, N. P.; FERREIRA, A. P.; FREIRE, M. C. M. Job market in dentistry: historical context and perspectives. **Rev. odontol. UNESP**, Araraquara, v. 42, n. 4, p. 304-309, 2013.

GENOVESE, A.; BUTLER, M. G. The Autism Spectrum: Behavioral, Psychiatric and Genetic Associations. **Genes**, Basel, v. 14, n. 3, p. 677, 2023.

HAPPÉ, F.; FRITH, U. Annual Research Review: Looking back to look forward - changes in the concept of autism and implications for future research. **J child psychol psychiatr**, Oxford, v. 61, n. 3, p. 218-232, 2020.

HU, Q.; CHANDRASEKHAR, T. Meeting the Mental Health Needs of College Students with ASD: A Survey of University and College Counseling Center Directors. **J. autism dev. disord**, New York, n. 51, p. 341-345, 2021.

IBGE. **Censo 2022** [Internet]; 27 out 2023 [citado 09 maio 2024]. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em: 09 maio 2024.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Sinopses estatísticas da educação superior e do Censo Escolar da Educação Básica 2023*. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica> Acesso em: 4 ago. 2025.

LAI, M. C. et al. Quantifying and exploring camouflaging in men and women with autism. **Autism**, London, v. 21, n. 6, p. 690-702, 2017.

LIMA, W. A. P.; MIRANDA, M. L. Main difficulties in dental care for patients with Autism Spectrum Disorder - Literature review. **Res. Soc. Dev**, Itabira, v. 13, n. 12, 2024.

LOCKE, J. et al. Supporting Autistic College Students: Examining the Mentoring, Organization and Social Support for Autism Inclusion on Campus (MOSSAIC) Program. **J. autism dev. disord**, New York, 2023.

LU, J. et al. College students with autism spectrum disorder: a systematic review of existing transition programs and supports. **Res Autism Spectr Disord**, Netherlands, v. 82, p. 101736, 2021.

MCLEOD, J. D.; ANDERSON, E. M. Autistic Traits and College Adjustment. **J. autism dev. disord**, New York, v. 53, p. 3475-3492, 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ações do MEC buscam a inclusão dos estudantes autistas**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/abril/acoes-do-mec-buscam-a-inclusao-dos-estudantes-autistas>. Acesso em: 16 maio 2025.

MORITA, M. C. et al. The unplanned and unequal expansion of Dentistry courses in Brazil from 1856 to 2020. **Braz. oral res**, São Paulo, v. 35, p. e009, 2021.

OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Rev. bras. educ. espec**, Piracicaba, v. 25, n. 4, p. 729-746, 2019.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

PETCU, S. D.; ZHANG, D.; LI, Y. Students with Autism Spectrum Disorders and Their First-Year College Experiences. *International Journal of Environmental Int. J. Environ. Res. Public Health*, Basel, v. 18, n. 11822, 2021.

ROSIN-PINOLA, A. R.; DEL-PRETTE, Z. A. P. Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas **Rev. bras. educ. espec**, Piracicaba, v. 20, n. 3, p. 341-356, 2014.

SCHULTZ, T. R. et al. Transition to adulthood for individuals with autism spectrum disorder: a comprehensive review of interventions and services. **J. autism dev. disord**, New York, v. 54, n. 1, p. 1-15, 2024.

SOUSA, C. et al. Social Inclusion for People with Intellectual Disability and on the Autism Spectrum through Assistive Technologies: Current Needs and Future Priorities. **Disabil Rehabil Assist Technol**, Oxford, v. 20, n. 4, p. 917-924, 2024.

STURM, A.; KASARI, C. Academic and psychosocial characteristics of incoming college freshmen with autism spectrum disorder: The role of comorbidity and gender. **Autism Research**, California, v. 12, n. 6, p. 931-940, 2019.

SUKIENNIK, R. Challenges on Diagnoses and Assessments Related to Autism Spectrum Disorder in Brazil: A Systematic Review. **Front Neurol**, Switzerland, v. 12, n. 598073, 2022.

TAGER-FLUSBERG, H. Risk factors associated with language in autism spectrum disorder: Clues to underlying mechanisms. **J. Speech Lang. Hear. Res**, Rockville, v. 59, n. 1, p. 143-154, 2016.

TAVARES, L. M. F.; SANTOS, L. M. M.; FREITAS, M. N. C. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. **Rev. bras. educ. espec**, Piracicaba, v. 22, n. 4, p. 527-542, 2016.

TREVISAN, D.; BIRMINGHAM, E. Examining the relationship between autistic traits and college adjustment. **Autism**, London, v. 20, n. 6, p. 719-729, 2016.

UNESCO. **Science Report: the race against time for smarter development**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2021.

VAIOOULI, E.; PANAYIOTOU, G. Transition to employment and perceived barriers for young adults with autism spectrum disorder. **J. autism dev. disord**, New York, v. 51, n. 7, p. 2320-2331, 2021.

WANG, L. et al. Autism Spectrum Disorder: Neurodevelopmental Risk Factors, Biological Mechanism, and Precision Therapy. **Int J Mol Sci**, Ancona, v. 24, n. 3, p. 1819, 2023.

WHITE, S. W. et al. Students with Autism Spectrum Disorder in College: Results from a Preliminary Mixed Methods: Needs Analysis. **Res Dev Disabil**, Elmsford, v. 56, p. 29-40, 2016.

WHITE, S. W. et al. Development of a College Transition and Support Program for Students with Autism Spectrum Disorder. **J. autism dev. disord**, New York, v. 47, n. 10, p. 3072-3078, 2017.

WHITE, S. W. et al. Social anxiety and social functioning in young adults with autism spectrum disorder. **J. autism dev. disord**, New York, v. 51, n. 2, p. 473-485, 2021.

8 APÊNDICES

8.1 APÊNDICE 1

Inclusão e sucesso acadêmico: Estudo sobre a presença e desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia

Este questionário faz parte da pesquisa “Inclusão e sucesso acadêmico: Estudo sobre a presença e desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia” realizada pela mestrandia Laís Canêdo Martins aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de investigar a presença, participação e dificuldades enfrentadas por estudantes diagnosticados com TEA nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia no Brasil.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa “**Inclusão e sucesso acadêmico: Estudo sobre a presença e desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia**”. O número de estudantes com TEA matriculados em cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia no Brasil é desconhecido e estes podem enfrentar desafios específicos relacionados à comunicação, interação social, acessibilidade física e emocional e adaptabilidade sensorial, e embora existam recursos e suportes institucionais disponíveis, sua eficácia pode ser variável, e é possível que haja margem para melhorias na promoção na inclusão desses estudantes. Nesta pesquisa pretendemos investigar a presença e os desafios de estudantes com TEA matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia no Brasil.

Caso você concorde em participar, deverá responder a um questionário que é dividido em duas partes: Parte I, contendo 24 questões que abordarão informações sobre dados pessoais, características sociodemográficas e informações sobre o Transtorno do Espectro Autista do estudante; Parte II, contendo 22 questões sobre dados escolares e acadêmicos; presença de políticas, programas de apoio e recursos disponíveis nas instituições de ensino superior para estudantes com TEA; e experiências que estudantes com TEA vivenciam durante a graduação/pós-graduação.

Esta pesquisa tem um risco mínimo, que é a possibilidade de sentir-se constrangido (a) ao responder as perguntas. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, os pesquisadores garantem o sigilo sobre a identificação e as informações referentes aos participantes, os questionários não serão identificados e os participantes poderão cancelar sua participação a qualquer momento. A pesquisa pode ajudar fornecendo dados para as instituições de ensino superior, educadores, profissionais de saúde bucal e formuladores de políticas públicas que auxiliarão na compreensão das experiências e desafios dos estudantes com TEA, permitindo o desenvolvimento de estratégias eficazes para apoiar sua educação, promovendo assim a inclusão e diversidade no campo da Odontologia. Além disso, esse estudo contribuirá para o avanço do conhecimento sobre a inclusão de pessoas com TEA no ensino superior.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança. O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos nesta pesquisa, terá o direito a buscar indenização.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

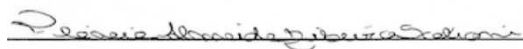
Se tiver alguma dúvida, entre em contato com a pesquisadora responsável: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni (flaviascalioni@hotmail.com). Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFJF, localizado no Campus Universitário da UFJF - Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. CEP: 36036-900. Fone: (32) 2102-3788. E-mail: cep.propp@ufjf.br

Ao clicar na opção “concordo”, abaixo, você declara que leu e compreendeu as informações acima e que concorda em participar da pesquisa. Nesse caso, recomendamos que você salve uma cópia deste termo de consentimento para quaisquer consultas necessárias futuramente. Se não quiser participar, basta fechar a página.

() **Eu declaro livre e esclarecidamente que desejo participar da pesquisa, fui devidamente informado a respeito dela e tive minhas eventuais dúvidas sanadas. ***

***Obrigatório**

Nome do Pesquisador Responsável: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: Faculdade de Odontologia/Departamento de Odontologia Social e Infantil/Universidade Federal de Juiz de Fora
CEP: 36036-900
Fone: (32) 99102-3142
E-mail: flaviascalioni@hotmail.com



Assinatura do(a) Pesquisador(a)

8.2 APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO AUTOAPLICÁVEL ESTRUTURADO

Este questionário faz parte da pesquisa “**Inclusão e desempenho acadêmico: Estudo sobre a presença e desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Odontologia**” realizada pela mestrandia Laís Canêdo Martins aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de quantificar e conhecer os estudantes (Graduação e Pós-graduação) com TEA matriculados nos cursos de Odontologia do Brasil, e identificar seus desafios acadêmicos.

PARTE I – Dados pessoais, características sociodemográficas e informações sobre o Transtorno do Espectro Autista

1) Gênero:	
	Homem cisgênero
	Homem transgênero
	Mulher cisgênero
	Mulher transgênero
	Não-binário
	Prefiro não declarar
	Outro
2) Idade:	
3) Cor/raça:	
	Amarelo
	Branco
	Indígena
	Pardo
	Preto
	Prefiro não declarar
	Outro
4) Renda familiar	
	Menor que 1.720,00
	R\$1.720,00 a R\$2.590,00
	R\$2.590,00 a R\$4.315,00
	R\$4.315,00 a R\$8.630,00
	R\$8.630,00 a R\$17.260,00
	Mais que R\$ 17.260,00)
	Não sei
	Prefiro não declarar
5) Quantas pessoas na família se beneficiam com essa renda mensal:	
	1

	2
	3
	4
	5
	+ de 5
	Não sei
	Prefiro não declarar
6) Você reside com quem (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Pais
	Parentes
	Esposo (a)
	Filhos
	Sozinho (a)
	Amigos
	Prefiro não declarar
	Outro
7) Em que lugar você reside?	
	Casa/apartamento próprio(a)
	Casa/apartamento alugado(a)
	Casa/apartamento de parentes
	Casa/apartamento de amigos
	Pensão ou república
	Alojamento
	Prefiro não declarar
	Outro
8) Cidade em que reside:	
9) Estado em que reside:	
10) Com qual idade você foi diagnosticado (a) com TEA?	
11) Teve suspeita de TEA durante a infância:	
	Sim
	Não
	Não se aplica, pois fui diagnosticado (a) na infância
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
12) Se você teve o diagnóstico de TEA somente na vida adulta, o que te levou a procurar avaliação (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Depressão
	Ansiedade

	Desatenção
	Fobia Social
	Timidez excessiva
	Pais com autismo
	Irmãos com autismo
	Filhos com autismo
	Parentes próximos com autismo
	Suspeita na infância, porém sem diagnóstico
	Dificuldade no trabalho e/ou estudos
	Identificação com algumas características do autismo
	Não se aplica, pois fui diagnosticado (a) na infância
	Prefiro não declarar
	Outro
13) Para você que teve o diagnóstico de TEA na vida adulta, algum outro diagnóstico foi excluído após o diagnóstico de autismo (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Fobia social
	Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)
	Transtorno de Personalidade
	Transtorno alimentar (bulimia, anorexia, compulsão alimentar)
	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)
	Transtorno Afetivo Bipolar (TAB)
	Transtorno Opositor Desafiador (TOD)
	Não se aplica, pois fui diagnosticado (a) na infância
	Prefiro não declarar
	Outro
14) Para você que teve o diagnóstico de TEA na vida adulta, quem suspeitou do diagnóstico de autismo (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Própria pessoa
	Familiar
	Amigo
	Profissional de saúde
	Professor
	Cônjuge
	Não se aplica, pois fui diagnosticado (a) na infância
	Prefiro não declarar
	Outro
15) Você tem algum outro diagnóstico psiquiátrico associado ao TEA (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Não
	Epilepsia
	X Frágil

	Síndrome de Down
	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)
	Transtorno Afetivo Bipolar (TAB)
	Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)
	Transtorno Opositor Desafiador (TOD)
	Transtorno alimentar (bulimia, anorexia, compulsão alimentar)
	Deficiência intelectual
	Depressão
	Transtorno Afetivo Bipolar (TAB)
	Transtorno de ansiedade
	Fobia social
	Transtorno de personalidade
	Prefiro não declarar
	Outro
16) O diagnóstico de TEA foi feito por:	
	Avaliação médica
	Avaliação neuropsicológica
	Autodiagnóstico, sem avaliação de um profissional especializado
	Prefiro não declarar
	Outro
17) Tem outra pessoa na família com o diagnóstico de TEA (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Não
	Sim, pai
	Sim, mãe
	Sim, irmão/irmã mais novo (a)
	Sim, irmão/irmã mais velho (a)
	Sim, filho (a)
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Sim, outros
18) Você faz uso de medicamento psiquiátrico:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
19) Atualmente você faz acompanhamento médico especializado em TEA (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Não
	Sim, psiquiatra
	Sim, neurologista

	Prefiro não declarar
	Outro
20) Atualmente você faz terapia fonoaudiológica:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
21) Atualmente você faz acompanhamento físico:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
22) Atualmente você faz terapia ocupacional:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
23) Atualmente você faz terapia psicológica (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Não
	Sim, terapia comportamental
	Sim, terapia cognitiva (TCC)
	Sim, psicanálise
	Sim, outra abordagem
	Sim, mas não sei qual a abordagem
	Prefiro não declarar
	Outro
24) Você apresenta alguma dificuldade nas áreas abaixo (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Atenção e concentração
	Aprendizagem
	Gerenciamento de tempo
	Organização de tarefas
	Comunicação
	Alimentação
	Sono
	Irritabilidade
	Socialização
	Não apresento nenhuma dessas dificuldades

	Prefiro não declarar
	Outro
25) Você apresenta alguma facilidade/alta habilidade nas áreas abaixo (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Atenção e concentração
	Aprendizagem
	Gerenciamento de tempo
	Organização de tarefas
	Comunicação
	Alimentação
	Sono
	Socialização
	Não apresento nenhuma dessas facilidades/altas habilidades
	Prefiro não declarar
	Outro
26) Você se considera em qual nível de suporte:	
	Nível 1
	Nível 2
	Nível 3
	Não tenho certeza
	Prefiro não declarar
27) Você recebeu diagnóstico de nível de suporte por pessoal especializado?	
	Sim, nível 1
	Sim, nível 2
	Sim, nível 3
	Não recebi este tipo de diagnóstico
	Prefiro não declarar

PARTE II – dados escolares e acadêmicos; presença de políticas, programas de apoio e recursos disponíveis nas instituições de ensino superior para estudantes com TEA; e experiências que estudantes com TEA vivenciam durante a graduação/pós-graduação.

1) Você estudou em qual tipo de ensino:	
	Escola regular
	Escola de educação especial
	Nos dois tipos de escola
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro

2) Você, em algum momento da vida, fez uso de suporte educacional especializado (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Nunca utilizou suporte educacional
	Classe especial
	Tutor cedido pela escola
	Acompanhante terapêutico custeado pela família
	Aulas de reforço fora da escola
	Material adaptado
	Educação exclusivamente domiciliar
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
3) Atualmente você está cursando:	
	Graduação
	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i> Especialização
	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i> MBA
	Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> Mestrado
	Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> Doutorado
	Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> Pós-doutorado
	Prefiro não declarar
	Outro
4) Caso esteja cursando a graduação, em qual período está matriculado (a):	
5) Caso esteja cursando a pós-graduação, em qual especialidade/curso está matriculado (a):	
6) A instituição da sua matrícula é:	
	Pública
	Privada
	Prefiro não declarar
7) Qual o nome da instituição que você se encontra matriculado (a):	
8) Você ingressou no ensino superior por meio de ações afirmativas?	
	Sim
	Não
	Prefiro não declarar
9) Você participou ou participa de algum programa de inclusão de pessoas com TEA na sua instituição de ensino atual:	
	Não participa/participou de nenhum programa de inclusão de pessoas com TEA
	Lei de cotas
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro

10) A sua instituição de ensino atual oferece algum grupo ou atividades sociais para portadores de TEA:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
11) Se a sua instituição de ensino atual oferece algum grupo ou atividades sociais para pessoas com TEA, você participa:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
12) A sua instituição de ensino atual oferece algum programa de apoio adicional ao estudante com TEA como recursos de aprendizagem personalizados:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
13) A sua instituição de ensino atual dispõe de uma rotina administrativa de informações aos docentes sobre a presença de um estudante com TEA e possibilidades de haver condições especiais de estratégias pedagógicas:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
14) A sua instituição de ensino atual oferece possibilidades de adaptações de estratégias de avaliação para estudantes com TEA:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar
	Outro
15) A sua instituição de ensino atual oferece adaptações no ambiente clínico odontológico para estudantes com TEA:	
	Sim
	Não
	Não sei
	Prefiro não declarar

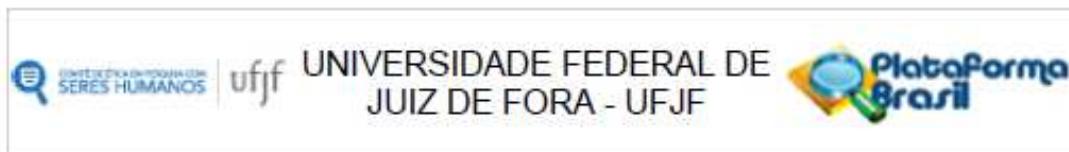
	Outro
16) Você apresenta alguma dificuldade/altas habilidades com relação às aulas teóricas da graduação/pós-graduação (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Permanecer dentro de sala de aula por longos períodos de tempo
	Compreender o material/conteúdo exposto pelo professor
	Compreender a fala do professor
	Concentrar na atividade proposta
	Lidar com os colegas em sala de aula
	Não apresento dificuldades
	Prefiro não declarar
	Outro
17) Você apresenta alguma dificuldade com relação às avaliações teóricas da graduação/pós-graduação (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Permanecer dentro de sala de aula por longos períodos de tempo
	Compreender o que está escrito na avaliação
	Escrever na avaliação o que eu consigo pensar
	Concentrar na atividade proposta
	Não apresento dificuldades
	Prefiro não declarar
	Outro
18) Você apresenta alguma dificuldade com relação à prática clínica da graduação/pós-graduação (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Permanecer dentro da clínica por longos períodos de tempo
	Manter uma relação social com estudantes/professores auxiliares
	Manter uma relação social com o paciente
	Manter uma rotina clínica
	Concentrar no atendimento clínico odontológico
	Compreender certos protocolos de atendimento clínico odontológico
	Lidar com estímulos sensoriais presentes no ambiente clínico odontológico
	Não apresento dificuldades
	Ainda não realizo atividades clínicas odontológicas
	Prefiro não declarar
	Outro
19) Você apresenta alguma dificuldade com relação ao ambiente clínico odontológico (se necessário assinale mais de uma opção):	
	Cheiro dos materiais utilizados no atendimento odontológico
	Barulhos e ruídos dos materiais/equipamentos odontológicos
	Iluminação dos equipamentos odontológicos
	Sensações táteis dos materiais/equipamentos odontológicos
	Não apresento dificuldades
	Ainda não realizo atividades clínicas odontológicas

	Prefiro não declarar
	Outro
20) Você faz alguma adaptação durante as atividades teóricas do curso de graduação/pós-graduação para amenizar alguma dificuldade que possa acontecer?	
21) Você faz alguma adaptação durante o atendimento odontológico para amenizar cheiros, barulhos/ruídos, luzes e sensações táteis?	
Sinta-se à vontade para abordar aspectos importantes que não foram incluídos no questionário e que você acha que a comunidade científica deveria discutir sobre o tema da presente pesquisa.	

Obrigada por participar!

9 ANEXOS

9.1 ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Inclusão e desempenho acadêmico: Estudo sobre a presença e desafios de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Odontologia

Pesquisador: Flávia Almeida Ribeiro Scalioni

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 76269623.3.0000.5147

Instituição Proponente: FACULDADE DE ODONTOLOGIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 0.067.755

Apresentação do Projeto:

O projeto está apresentado de forma muito sintética e objetiva. O desenho afirma que "Trata-se de um estudo observacional transversal analítico", e no resumo está escrito: "O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange uma variedade de condições neurológicas, com características comuns, incluindo déficits na comunicação, comportamentos repetitivos e sensibilidades sensoriais incomuns. Estudantes com TEA enfrentam desafios significativos ao ingressar no ensino superior, incluindo dificuldades na interação social, estresse em situações de apresentação em sala de aula e desconforto devido a estímulos sensoriais intensos no ambiente universitário. Além disso, padrões rígidos de pensamento e problemas de organização podem afetar o desempenho acadêmico dessa população. Na área da Odontologia, onde habilidades de comunicação e adaptação a situações variadas são essenciais, os estudantes com TEA podem encontrar dificuldades adicionais, o que pode afetar sua eficiência no atendimento odontológico, bem como em sua produtividade acadêmica. Estratégias eficazes de gerenciamento de estresse, adaptações ambientais e compreensão das necessidades individuais são fundamentais para apoiar esses estudantes. Dessa forma, o estudo proposto tem como objetivo quantificar e conhecer os estudantes (Graduação e Pós-graduação) com TEA matriculados nos cursos de Odontologia do Brasil, e identificar seus desafios acadêmicos. A compreensão dessas experiências individuais para uma futura oferta de apoio adequado é fundamental para melhorar a qualidade de vida desses

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

E-mail: cep.propp@uff.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 6.667.755

estudantes, promovendo sua inclusão tanto na educação superior quanto no futuro mercado de trabalho". Esse resumo não informa a hipótese e nada sobre a metodologia proposta. A pesquisadora responsável pelo projeto, que é o contato científico, não é a mesma pessoa que apresenta-se como contato público.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa estão assim descritos: "Quantificar e conhecer os estudantes (Graduação e Pós-graduação) com TEA matriculados nos cursos de Odontologia do Brasil, e identificar seus desafios acadêmicos. Objetivo Secundário: • Investigar o número de estudantes diagnosticados com TEA matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia, identificando sua distribuição ao longo dos anos e áreas de especialização. Compreender as experiências acadêmicas dos estudantes com TEA por meio de um questionário construído pelos pesquisadores, analisando sua participação em atividades acadêmicas, interações sociais e acesso a recursos de apoio. • Identificar as dificuldades que estudantes com TEA enfrentam durante seu período acadêmico, incluindo desafios de comunicação, interação social e adaptações sensoriais. • Investigar a presença de programas de apoio e recursos disponíveis nas instituições de ensino superior para estudantes com TEA." Eles se encontram em consonância com os referenciais teóricos, a metodologia proposta e a hipótese.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A definição dos riscos está adequada e aponta que os participantes constituem uma população considerada duplamente vulnerável, como se lê a seguir em trecho retirado do projeto: "Esta pesquisa apresenta risco mínimo para os participantes. O risco envolvido é a possibilidade de sentir-se constrangido ao responder as perguntas e de serem identificado ao responder o questionário com informações pessoais. Os participantes podem ser considerados vulneráveis por possibilidade de apresentarem redução da autonomia e/ou algum quadro que inibe suas interações sociais, de aprendizado e outras, além do fato de serem estudantes submetidos à autoridade docente e ao julgamento de colegas. Dessa forma, os pesquisadores garantem o sigilo sobre a identificação e as informações referentes aos participantes, os questionários não serão identificados e os participantes poderão cancelar sua participação a qualquer momento. Além disso, as coordenações de cursos de graduação e pós-graduação em Odontologia do Brasil apenas irão encaminhar a apresentação da pesquisa com o link do questionário a todos os estudantes matriculados no curso por e-mail e não terão acesso às informações sobre quem participou e quais foram as respostas dos participantes."

Em relação aos benefícios, o projeto afirma que: "Esta pesquisa fornecerá dados para as

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SÃO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

E-mail: cep.propp@ufjf.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 6.667.755

instituições de ensino superior, educadores, profissionais de saúde bucal e formuladores de políticas públicas que auxiliarão na compreensão das experiências e desafios dos estudantes com TEA. Além disso, os achados permitirão o desenvolvimento de estratégias eficazes para apoiar sua educação, promovendo assim a inclusão e diversidade no campo da Odontologia. Ainda, esse estudo contribuirá para o avanço do conhecimento sobre a inclusão de pessoas com TEA no ensino superior*. Estes estão de acordo com as normas operacionais e as resoluções 510/2016 e 486/2012.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos previstos na resolução 486/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as disposições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as normas definidas na Resolução CNS 486 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com o que prevê o Manual Operacional para CEPs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com a regulamentação definida na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3768

E-mail: cep.propp@ufjf.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 6.667.755

Recomendações:

O tema escolhido é bastante controverso diante da explosão desse diagnóstico verificada nos últimos anos. O diagnóstico é essencialmente descritivo, o que significa que os critérios de inclusão são arbitrários a tal ponto que muitos profissionais (inclusive no Brasil) denunciam nessa elasticidade de critérios os riscos de extensa medicalização de pequenos desvios antes considerados compatíveis com a faixa de normalidade com efeitos deletérios, especialmente para as crianças, no que concerne à padronização dos comportamentos em obediência à chamada cultura da performance. Tendo em vista que os profissionais envolvidos na equipe de pesquisa não são médicos e que apenas uma das profissionais registra algum contato com o tema, seria da maior importância que a equipe não deixe de atentar para as ressonâncias "biopolíticas" envolvidas nesse campo (ver, por exemplo, Ortega <http://www.scielo.br/pdf/mana/v14n2/a08v14n2.pdf> ou Afialo, A. Autismo: novos espectros, novos mercados, ed. KBR, 2014).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecidos na Res. 466/12 CNS e Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2253098.pdf	09/01/2024 09:53:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTEA_09janeiro.pdf	09/01/2024 09:52:51	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.pdf	18/12/2023 10:40:10	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	QuestionarioTEA.pdf	27/11/2023 16:50:27	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	lattessaul_.pdf	27/11/2023 16:43:52	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termoassinado.pdf	27/11/2023 16:36:46	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	27/11/2023 16:36:30	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

E-mail: cep.propp@ufff.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 6.667.755

Outros	Lattes_camila.pdf	24/11/2023 14:55:54	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	LattesLucianne.pdf	23/11/2023 23:25:37	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	LattesFabiana.pdf	23/11/2023 23:25:19	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	LattesFlavia.pdf	23/11/2023 23:23:06	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito
Outros	LattesLais.pdf	23/11/2023 23:22:09	Flávia Almeida Ribeiro Scalioni	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 24 de Fevereiro de 2024

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

E-mail: cep.propp@uff.br